vinetur

Produção de vinho do Hemisfério Sul cai 3% para 47 milhões de hectolitros em 2026

A OIV afirmou que o stress climático manteve a produção regional 7% abaixo da média, apesar de a África do Sul ter registado a sua melhor vindima numa década

quinta-feira, 19 de novembro de 2026



A produção mundial de vinho em 2026 deverá manter-se próxima do nível de 2025, mas continuar abaixo da média dos últimos cinco anos, uma vez que as pressões climáticas e as condições de mercado continuam a influenciar a produção, afirmou a Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV) nas estimativas preliminares divulgadas na quarta-feira, 18 de novembro, em Dijon, França.

A OIV afirmou que a produção do Hemisfério Sul, onde a vindima termina no primeiro semestre do ano, deverá totalizar cerca de 47 milhões de hectolitros em 2026. Este valor representaria cerca de 21% da produção mundial de vinho, menos 3% do que em 2025 e 7% abaixo da média dos últimos cinco anos. A organização afirmou que os resultados fracos de vários grandes produtores, incluindo a Austrália, a Argentina e o Chile, mantiveram o total regional abaixo da média, apesar dos aumentos registados noutros países.

A OIV afirmou que as condições meteorológicas variaram muito entre os países produtores. Em alguns locais, a geada, o granizo, o calor e a escassez de água reduziram os volumes de uvas. Noutros, padrões de precipitação mais favoráveis e menor pressão de doenças permitiram a recuperação das vinhas. A organização afirmou ainda que as decisões de produção e de vindima associadas às condições de mercado influenciaram os resultados em vários países.

A África do Sul foi o maior produtor de vinho do Hemisfério Sul em 2026, com uma produção estimada em 11,3 milhões de hectolitros. O valor representa um aumento de 10% face a 2025 e fica 14% acima da média dos últimos cinco anos. Segundo a OIV, o aumento foi favorecido por condições favoráveis no início da campanha e pela chuva de fevereiro, que reduziu o stress hídrico em várias regiões. A organização descreveu o resultado como a maior produção da África do Sul numa década.

A Argentina continuou a ser o maior produtor da América do Sul, mas a sua produção diminuiu. A OIV estimou a produção argentina de vinho em 9,7 milhões de hectolitros, menos 10% do que em 2025 e 11% abaixo da média dos últimos cinco anos. A organização afirmou que a geada e o granizo em Mendoza, a principal região vitivinícola do país, prejudicaram a vindima e fizeram baixar a produção de vinho.

A produção do Chile foi estimada em 9,5 milhões de hectolitros. Foi 13% superior ao baixo nível de 2025, mas continuou 13% abaixo da média dos últimos cinco anos. A OIV afirmou que o calor e a persistente escassez de água voltaram a limitar os rendimentos em 2026, deixando o Chile com um terceiro ano consecutivo de produção relativamente baixa, apesar da recuperação moderada face a 2025.

A Austrália registou uma das quebras mais acentuadas entre os principais produtores do Hemisfério Sul. A OIV estimou a produção australiana de vinho em 9,1 milhões de hectolitros, menos 19% do que em 2025 e 23% abaixo da média dos últimos cinco anos. A organização afirmou que os défices de precipitação, a geada no final da primavera, as ondas de calor e as inundações localizadas perturbaram as condições de crescimento. A OIV afirmou também que as condições de mercado parecem ter influenciado as decisões de vindima. Os volumes de uvas esmagadas diminuíram nos principais estados produtores, com quebras percentuais mais acentuadas em Victoria e New South Wales do que em South Australia.

A produção da Nova Zelândia foi estimada em 3,2 milhões de hectolitros, menos 15% do que na grande vindima de 2025 e 5% abaixo da média dos últimos cinco anos. A OIV afirmou que a vindima menor também refletiu ajustamentos deliberados da produção após as grandes colheitas recentes e ajudou a aproximar a oferta da procura do mercado.

O Brasil foi um dos países com melhor desempenho na região. A sua produção de vinho foi estimada em 3,1 milhões de hectolitros, mais 10% do que em 2025 e 22% acima da média dos últimos cinco anos. A OIV afirmou que a recuperação no Rio Grande do Sul, o principal estado produtor de vinho do Brasil, prosseguiu em 2026. A organização apontou a acumulação adequada de frio durante o inverno, as condições geralmente favoráveis na primavera e a baixa pressão de doenças como as principais razões para o aumento.

A produção do Uruguai foi estimada em 0,7 milhões de hectolitros, mais 13% do que em 2025 e 7% acima da média dos últimos cinco anos. A OIV afirmou que a colheita beneficiou de um bom crescimento na primavera, de tempo seco durante a floração e de chuva atempada em janeiro, que reduziu o stress hídrico e favoreceu o

desenvolvimento das uvas. A baixa pressão de doenças também ajudou a preservar a colheita até ao final da campanha.

As estimativas da OIV revelaram um setor vitivinícola do Hemisfério Sul que continua a enfrentar condições meteorológicas desiguais e decisões de produção cautelosas. A África do Sul destacou-se pela forte recuperação, enquanto a Austrália, a Argentina e o Chile continuaram sob pressão devido a contratempos relacionados com o clima e, em alguns mercados, a condições comerciais menos favoráveis.